A MULHER INDÍGENA E O PROTAGONISMO DA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA

INDIGENOUS WOMEN AND THE PROTAGONISM OF THEIR OWN HISTORY OF STRUGGLE AND RESISTANCE

Adriana Uassuri de Souza [1]
Juvana Evarista dos Santos [2]
Edileia Santiago Oliveira [3]

Resumo: Este artigo tem como objetivo destacar a importância da luta da Mulher Indígena no contexto histórico da colonização até os dias atuais; trazer a realidade dos povos indígenas da luta pela sobrevivência e de como se dá a participação das mulheres nas bases, nas aldeias, e também fora dos territórios. Buscamos retratar as violências sofridas pelo colonialismo existente no modelo do Estado, que tenta a todo custo dizimar as populações originárias deste país. A coletividade se levanta, homens e mulheres em defesa das suas terras e pelo direito de viver e de existir. Conquistamos lugar de fala, ocupamos espaços que há 520 anos foram negados. Somos protagonistas da nossa própria história de luta e resistência.
Palavras-chave: Luta; Mulher Indígena; Povos Originários; Protagonismo; Resistência.

Abstract: This article aims to highlight the importance of the struggle of Indigenous Women in the historical context of colonization to the present day; bring the reality of indigenous

[1] Sou do povo Karajá e Javaé, filha de Karitxama, neta de Pedro Uassuri e Mariana Maluhereru, fui batizada com o nome tradicional na aldeia Buridina de Belua Uassuri, à beira do rio Araguaia, localizada na cidade de Aruanã/GO, onde vivi até entender o quanto meu povo precisava de mim, o mundo fora lá fora é sombrio, uma máquina de preconceito e egoísmo com o intuito de exterminar os povos indígenas! Em 2017, ingressei na Universidade Federal de Goiás – Regional Cidade de Goiás, Curso de Direito – Bacharelado, dessa forma, lutaremos para combater o "sistema" usando as mesmas armas, com uma única diferença: eu já conheço o mundo lá fora, mas eles não conhecem o meu!

[2] Eu sou Xakriabá-MG. O meu nome é Juvana Sawidí Xakriabá, o meu nome na minha língua já faz parte do resgate cultural, hoje feito povo Xakriabá. A minha aldeia mãe é Dazakru ropsêawre (Aldeia Caatinguinha), mas hoje resido na Dazakru awrãwdê (Aldeia Embaúba). Sou filha de uma Guerreira Xakriabá cujo nome é Ana, que quebrou alguns padrões patriarcais e me fez ser essa mulher que sou hoje. Venho de uma família de lideranças por parte do meu pai, hoje ele é uma das lideranças em vida mais velhas do território e ele se chama Estácio. Tenho uma formação de base desde muito pequena, aos 11 anos de idade, devido a isso me tornei uma pessoa com um pé na aldeia e outro no mundo, me tornando uma das referências jovens dentro do território, por fazer parte da articulação da juventude e trabalhar a formação de jovens lideranças Xakriabá. Atualmente, graduanda em Direito pela Universidade Federal de Goiás – Regional Cidade de Goiás, esse um pé no mundo não indígena é em busca de novas ferramentas para contribuir na luta e na busca por Direitos dos povos indígenas, também com a missão, enquanto indígena e ativista, de descolonizar esses espaços e ocupar o que nos foi negado.

[3] O nome dado pelos meus pais, mais com o processo de resgate cultural vieram novos aprendizados e, no final de 2011, recebi o nome Wasadi, da língua Akwẽ, tronco linguístico do meu povo. Pertenço ao povo indígena Xakriabá, norte de Minas Gerais, município de São João das Missões. Venho de um povo onde a mulher é tratada com igualdade dentro da luta, pois para nós essa luta é constante. Sair da aldeia não é fácil, até mesmo porque as dificuldades não vêm da sua adaptação com o lugar e sim com as pessoas, onde a maioria delas não aceitam que indígenas ocupem certos espaços principalmente em grandes universidades. Curso o 3º período de Serviço Social na Universidade Federal de Goiás – Regional Cidade de Goiás.

peoples in the struggle for survival and how women participate at the grassroots, in the villages, and also outside the territories. We seek to portray the violence suffered by colonialism existing in the state model, which tries at all costs to decimate the populations of this country. The collectivity rises, men and women in defense of their lands and for the right to live and to exist. We won a place of speech, we occupied spaces that 520 years ago were denied. We are protagonists of our own history of struggle and resistance.
Keywords: Fight; Indigenous Women; Originating Peoples, Protagonism; Resistance.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como perspectiva trazer a luta e resistência dos povos indígenas do Brasil, mostrando a realidade e a diversidade entre estes, dando enfoque às mulheres indígenas. Atualmente, no país, há trezentos e cincos povos, duzentos e setenta e quatro línguas faladas, fazendo com que a diversidade sociocultural seja a maior do mundo (IBGE, 2016). Diante disso, é nítido que a cultura, as tradições, os costumes e os modos de ser de cada etnia tornam-se diferentes – assim como a luta da mulher nos seus respectivos territórios.

A participação da Mulher em todo processo histórico, desde a invasão até os dias atuais, tem sido de grande importância para a defesa da vida e de suas terras. Faz-se necessária a junção de luta com os homens, crianças e anciões devido à violência e às violações de direitos sofridos há cinco séculos, e que resultou em um dos maiores genocídios de povos indígenas no mundo. Por tudo isso, a unificação fez com que a luta se tornasse muito forte, sem divisão de gênero.

Refletimos que desde muito antes, essas mulheres não lutavam por igualdade e sim pela sobrevivência, fazendo com que também fossem herdeiras da história da luta e resistência da população indígena existente nesse país. Mesmo depois de 520 anos, os povos indígenas continuam sendo atacados, com seus direitos violados, suas terras invadidas. Todos esses ataques e violações, ainda que não sejam, de fato, legalizados, têm persistido e aumentado, e há graves propostas de legislação em curso para retirar direitos indígenas previstos na Constituição brasileira. As mulheres indígenas no século XXI estão construindo uma nova história, sendo protagonistas de muitas conquistas em diversos espaços dentro e fora de seu território.

Nós nos perguntamos como é possível trabalhar a questão de gênero com toda essa diversidade de mulheres indígenas de diferentes povos, que têm suas demandas ou seus anseios específicos em cada território. E de que forma é possível o feminismo criar pautas que possam ser unificadas e trabalhadas de acordo com cada necessidade.

Nós realizamos pesquisas bibliográficas em artigos, pesquisas referentes ao tema de gênero. Realizamos, também, pesquisa de campo com as mulheres indígenas em momentos de luta na busca pelas garantias dos direitos. O encontro com essas mulheres se deu a partir da participação do Acampamento Terra Livre (ATL), devido a um projeto

para produzir material que diga sobre as mulheres indígenas e os povos. A pesquisa foi com várias mulheres e irá se transformar em documentário.

A autora do artigo utilizado como base de referência é Ângela Célia Sacchi (2003), doutora em Antropologia e, atualmente, pós-doutoranda em antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. A escolhemos devido à importância de trabalhar com os temas inerentes às mulheres indígenas, antropologia de gênero e, principalmente, sobre o tema da participação política de mulheres indígenas, direitos e violências contra as mulheres indígenas.

A NATURALIZAÇÃO E INVISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER INDÍGENA

A violência contra os povos indígenas, e em especial contra a mulher indígena, sempre existiu no Brasil. Desde 1500 essas mulheres são exploradas, principalmente por Europeus, que chegaram e se encarregaram de trazer o olhar de sermos vistas como um símbolo sexual.

De fato, a história marcada pela violência a que os indígenas foram vítimas, e que ainda sofrem, é invisibilizada. No entanto, é preciso destacar que ainda mais invisibilizadas e naturalizadas são as violências das quais as mulheres indígenas são vítimas. Por somar as duas características, de ser mulher e ser indígena, se tornam ainda mais vulneráveis e visadas a serem violentadas.

No decorrer dessa história de muita violência e luta contra os direitos das mulheres em possuir espaços dentro e fora de suas comunidades, hoje nós nos deparamos com uma grande evolução no que tange a este assunto. Infelizmente, esse avanço das mulheres indígenas encontra-se ameaçado. É notório que, na atual conjuntura, a política e discursos anti-indígenas têm tentado intimidar as comunidades indígenas, provocando setores da sociedade com declarações preconceituosas para nos perseguirem – essas práticas acabam legitimando a violência contra os povos indígenas.

Diante da atual situação, as mulheres guerreiras têm se colocado à frente junto aos seus guerreiros na luta contra a legitimação da violência, e mostrando à sociedade não indígena que seus direitos não serão mais violados.

Discriminação, preconceito, violência física, sexual e moral, fazem parte de situações que as mulheres indígenas estão ainda mais suscetíveis a passar do que a mulher branca, por serem estereotipadas como selvagens e irracionais. Além disso, a mulher indígena sofre muito com o processo de transição da aldeia para a cidade, e o silenciamento e a invisibilidade fazem com que as experiências violentas vivenciadas por elas não emerjam para conhecimento da sociedade. Ou seja, ficam impunes os agressores.

De acordo com Ângela Sacchi (2003, p. 8):

> "O exame do contato entre povos indígenas e sociedade nacional permite refletir sobre a convivência, nem sempre pacífica, entre os modelos tradicionais de gênero e a reestruturação de novos papéis para homens

> e mulheres. Dentre as consequências do contato interétnico, verifica-se os relacionamentos sexuais das mulheres indígenas com homens brancos – na sua ida às cidades e nos lugares em que há a presença militar, do Estado e de trabalho ilegal em terras indígenas - que repercutem, muitas vezes, na ocorrência da violência sexual e/ou abandono da mãe com o filho. ”

Dessa forma, é muito importante a ocupação de lugares de fala, de lutar pelos direitos da mulher indígena, e de não se silenciar diante das opressões, violências e preconceito. Um lugar muito importante que as indígenas estão passando a ocupar, mesmo que em quantidade ainda muito ínfima, são as universidades. E, lamentavelmente, até nesse espaço de diversidade de raças e culturas, nós, mulheres indígenas sofremos com o preconceito. Algumas pessoas chegam até a dizer que nosso lugar é na selva e não ali, na universidade. Questionam nossa capacidade intelectual e dizem que as indígenas estão “roubando” uma vaga de outra pessoa. Mesmo com todos os obstáculos, nós somos fortes e continuamos na luta para ocuparmos espaços que também são nossos, para sermos ouvidas. Lutamos para termos nossos direitos, nossa história, nossa identidade, nossa cultura e nossos corpos respeitados.

Por muitos anos, a naturalização e invisibilidade da violência contra a mulher indígena prevaleceu. Na atualidade, ainda se sofre com isso, porém, todos os sofrimentos e direitos violados fizeram com que nós, indígenas, retirássemos forças a cada sangue derramado e nos posicionássemos diante de uma sociedade egoísta e preconceituosa. Entendeu-se que sempre haverá mortes e sangue derramado para que seus direitos sejam conquistados – assim como no ditado de não indígenas em que se diz: “mulher é o esteio de uma casa”, se diz no olhar indígena: “a mulher indígena reconstruiu a sua casa”.

PROTAGONISMO DAS MULHERES INDÍGENAS

A mulher indígena tem ocupado espaços de grande importância dentro dos territórios indígenas, não só pelo papel de mãe, dona de casa, cuidadora do marido.... Temos mulheres pajés, cacicas e lideranças, e elas fazem parte da maior porcentagem de pessoas empregadas em áreas da saúde, educação. No povo Xakriabá-MG, por exemplo, nos é perceptível um predomínio das mulheres indígenas nas mais variadas funções como professoras agentes de saúde etc. E, saindo totalmente desse papel de submissão aos homens, vão em busca de melhorias, principalmente nas grandes universidades, sendo que boa parte dessas estudantes são casadas, com filhos, e passam por diversas dificuldades. Ainda assim, desistir para elas nunca se tornou uma opção. São guerreiras que estão para somar na luta tanto dentro quanto fora dos territórios. Ao sair, estão em busca de mais uma arma de luta para que seu povo comece a ter voz em outros espaços, que são deles/as por direito.

Na luta, a mulher coloca o seu corpo na linha de frente, protegendo, assim, os seus guerreiros, porque em momentos de luta não há essa diferenciação de mulher, homem, criança, velhos, mas sim um povo, uma só voz e uma

só luta, para ir em busca da garantia de todos os direitos e em defesa da mãe terra. Usa-se a coletividade e a resistência, na maioria das



retomadas territoriais os corpos femininos sempre estiveram presentes.

Agora nós apresentaremos discussões sobre protagonismo das mulheres indígenas a partir do depoimento e do perfil de quatro lideranças indígenas que encontramos no Acampamento Terra Livre, nos dias 24 a 26 de em abril de 2019, capital federal, Brasília-DF.

Em momentos de luta do movimento indígena nacional, onde nos concentramos em um número significativo de povos que acampam em Brasília há 15 anos, onde as nossas vozes se juntam e a nossa luta é unificada, o grito que vem da floresta ecoa na capital do país.

Ro'Otsitsina Xavante é uma dessas vozes que tem uma trajetória de luta de grande importância e de representatividade enquanto jovem e mulher indígena.

Foto 1 – Ro'Otsitsina Xavante – Do movimento indígena nacional, pertencente ao povo Xavante - MT

Fonte: *Facebook* Tsitsina Xavante/ foto: UNFPA Brasil/ Débora Klempous.

Ro'Otsitsina, em entrevista, destaca:

> "Eu acredito que a importância de nós, como mulheres indígenas, está na luta em defesa dos nossos direitos, ela é essencial como povos indígenas. Eu acredito que é complicado se ter um movimento indígena sem a participação das mulheres, mas aí pode ter o questionamento: porque as mulheres querem um movimento só para elas? É porque eu acredito que a gente consegue fazer a luta em defesa dos nossos direitos como povos, independentemente que seja criança, juventude, ancião, homem e mulher. Mas a gente tem especificidade como mulheres, a necessidade então de fazer não uma luta a parte, mas uma luta a mais como mulheres indígenas. Eu acredito que é mais importante também da nossa participação nesse contexto político é a gente dar visibilidade a essas mulheres indígenas, e que essa luta política ela não começa aqui em Brasília, ou nesses espaços de tomada de decisões nos quais a maioria está acostumada, ela começa em nossas comunidades. Quem é aquela mulher

> que melhor faz uma comida tradicional? Quem é a mulher que melhor faz o artesanato? Quem é a mulher que melhor pinta? Quem é a mulher benzedeira, a na comunidade que tem destaque, que todos alunos gostam? Então a gente precisa primeiro, acredito, dar visibilidade a essas mulheres que estão na comunidade e que não são visíveis nesses espaços de tomadas de decisão. Nós mulheres em Brasília não somos ninguém sem saber quem são essas mulheres nas nossas bases. (XAVANTE, Ro'Otsitsina." [entrevista concedida à autora Juvana Sawidí Xakriabá]. Acampamento Terra Livre, em 25 de abril de 2019).

O papel da mulher indígena no território e na luta é essencial para a conquista de direitos para todo o povo. As mulheres não têm uma luta isolada, elas se agregam às lutas que já vêm sendo travadas há muito tempo, principalmente por direitos à demarcação dos seus territórios originários. Elas têm protagonizado várias ações em suas comunidades, têm sido o pilar que sustenta não só a cultura e a luta, mas também os espaços institucionais que têm ocupado. Estas mulheres empoderadas não querem somente assistir ou orientar o movimento, elas também querem ter uma participação direta, querem ter voz, não ter uma luta individual ou que desmoralize os homens, mas trazer essas falas, essa participação dos bastidores para dentro do movimento indígena como um todo, seja ele no território ou nas lutas externas. Conforme exposto por Ângela Sacchi (2003, p. 8), as mulheres indígenas buscam:

> "A garantia de seus territórios tradicionais, porque deles dependem a sobrevivência de seus povos, e o direito à saúde e educação diferenciadas, são constantemente explicitados em seus discursos. "O movimento de mulheres é para fortalecer o movimento em geral, a política dos povos indígenas é única". Ao mesmo tempo, acrescentam às reivindicações indígenas gerais, as que dizem respeito às relações de gênero como, por exemplo, a violência contra a mulher. "

Os pensamentos coloniais que adentraram nas comunidades indígenas de forma violenta estão sendo desconstruídos, mesmo diante da violência histórica que os povos originários sofrem. Ultimamente, a mulher indígena tem ocupado bastante espaço à frente das principais mobilizações. Temos grandes exemplos de mulheres que levantaram a sua voz junto às mulheres de diversos povos, quebrando paradigmas e participando ativamente nas reuniões locais. Elas estão expressando, em incontáveis vezes, que as mulheres estão ali para reivindicar, que precisam ser ouvidas e que precisam também fazer parte da luta, colocando os seus corpos à frente, junto aos homens. A mulher indígena tem um papel fundamental na luta, porque é ela também quem cuida da natureza, da cultura, dos artesanatos, dos filhos, da saúde, tem uma grande importância de participação na vida dos seus respectivos povos.

Foto 2 – Sônia Guajajara



Fonte: *Facebook Sônia Guajajara.*

Sônia Guajajara é coordenadora executiva da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), e foi a primeira mulher indígena candidata a copresidente nas eleições de 2018. A líder indígena nos traz em entrevista:

> "Há muito tempo, nós mulheres indígenas achávamos que ser submissa fazia parte da cultura, então a gente se limitava a fazer os nossos papéis ali nas próprias aldeias e ficando ali no nosso território. Chega um momento que a gente entende que a nossa luta ela tem condições de se ampliar e de extrapolar nessas barreiras que limitam aldeia e cidade, e hoje nós mulheres indígenas assumimos o protagonismo em várias frentes de luta, onde as mulheres indígenas estão assumindo as coordenações das organizações macrorregionais, mulheres indígenas na coordenação do movimento nacional, como eu faço parte da coordenação executiva da APIB. Entendemos também que chega o momento que somente fazer a resistência não está sendo suficiente para garantir os nossos direitos, a gente é muito impactada, a gente sofre o machismo e os diversos tipos de racismo, e então a gente reage, a mulher não aguenta ali qualquer ataque em silêncio. A gente segue muito firme entendendo que é muito importante também a nossa participação na política institucional. Hoje temos muitas mulheres entrando nesse campo tentando a disputa eleitoral que também não é fácil, mas que não é impossível. É onde a discussão para decidir sobre os nossos direitos é ali que a gente tem que estar. " (GUAJAJARA, Sônia Bone. [entrevista concedida à autora Juvana Sawidí Xakriabá]. Acampamento Terra Livre, em 26 de abril de 2019).

A conquista de espaço dentro e fora das Aldeias tem sido de uma grande participação das mulheres dentro de ações, do movimento indígena e da representatividade. O empoderamento e protagonismo que vêm a cada dia ganhando força, resultaram, hoje, em indígenas formadas, capacitadas em diversas áreas, com a participação efetiva na política nacional, e aquelas também que ficam nas suas bases responsáveis por diversos cuidados e questões que variam de uma cultura para outra. São as que também seguram a luta. Nós acreditamos muito na mulher indígena, pois ela carrega o povo, a natureza, a geração de cultura, e é responsável por tudo isso. Ela mantém o povo e a natureza em harmonia.

Segundo Ângela Sacchi (2003, p. 9):

> "A presença das mulheres indígenas na arena política, portanto, tem complexificado a configuração de identidades étnicas e de gênero no contexto atual do movimento indígena. Neste processo, reestruturam as estratégias de representação política e almejam o diálogo com os diversos segmentos (obtendo conhecimento do mundo não indígena) para, deste modo, viabilizarem suas demandas num campo de interesses e universos simbólicos distintos."



Fonte: *Facebook Djuena Tikuna/foto: Cristina Flória.*

Foto 3 – Djuena Tikuna – artista e jornalista do povo Tikuna da Amazônia

Djuena Tikuna traz em sua entrevista a importância da participação da mulher indígena no mundo artístico:

> "Minha luta, enquanto indígena, é lutar pela divulgação da cultura indígena principalmente na música indígena. A música indígena ela é muito importante para nossa luta, é ela que nos dá força. Esse canto que a gente canta é a força dos nossos ancestrais e a força dos nossos antepassados, porque eles nos ensinaram, quando a gente canta a alma da gente sente o que é que cada povo estar cantando. Então a minha luta para que esse canto seja valorizado, que esse canto seja conhecido, por isso divulgo muito a música indígena. Meu papel enquanto artista indígena e enquanto mulher [é que] temos que mostrar nosso trabalho através do canto, através da dança que nós estamos aí, que nós somos capazes de

> cantar, como qualquer outra música, como esses artista que são conhecidos. Nós também temos esse dom de fazer nosso trabalho de cantar a nossa arte. (TIKUNA, Djuena. " [entrevista concedida à autora Juvana Sawidí Xakriabá]. Acampamento Terra Livre, em 25de abril de 2019).

Em todos os lugares é possível encontrar a representatividade da mulher indígena, ainda que seja invisível, assim como a luta e a diversidade sociocultural dos povos indígenas, que é umas das maiores do mundo. Nós guerreiras estamos conseguindo ir além e não admitindo que sejamos invisibilizadas diante do Estado e também da sociedade.

Foto 4 – Flavia Xakriabá- Estudante de jornalismo pela UFRB



Fonte: *Flavia Xakriabá.*

Ela nos traz relatos muito fortes do protagonismo de uma jovem mulher indígena:

> "Falo sobre o meu posicionamento enquanto mulher indígena e lésbica minha luta fora e dentro da minha aldeia. Primeiro eu gosto de ressaltar que desde criança eu sempre me entendi como lésbica. Eu nunca tive nenhum problema em me aceitar e reconhecer a minha sexualidade, sempre foi muito natural. E a aceitação do meu povo, creio que pelo menos até hoje, nos meus 21 anos, foi muito tranquilo. Sempre fui respeitada por todos como uma das referências jovem Xakriabá; nunca tive nenhum tipo de problema com relação à minha sexualidade. Eu senti uma dificuldade maior quando eu saí da aldeia, que fui para a universidade, as pessoas começaram a se questionar como é possível uma mulher indígena e lésbica, então eu não sabia muito bem como reagir. Eu comecei levar esse tema em alguns trabalhos da faculdade, e também até para a aldeia mesmo, para o povo, porque a gente fala de realidade nas comunidades indígenas e a questão da sexualidade da mulher lésbica, da mulher bi, da mulher trans, é uma realidade que precisa ser debatida, precisa ser colocada em alguns espaços, apesar de ser algo natural ainda não tem o debate em todos espaços, que deve ser pautada a questão de gênero e sexualidade." (XAKRIABÁ, Flávia. [Entrevista concedida à autora Juvana Sawidí Xakriabá]. Acampamento Terra Livre, em 26 abril de 2019).

A juventude indígena tem se destacado muito no movimento indígena; dentro e fora do território é visível a participação de mulheres jovens que são grandes referências por levantar discussões de grande importância no que tange a ainda tão pouco discutidas, e a mulher indígena se preocupa

com essa diversidade de demandas, quebra paradigmas que foram trazidos pelos europeus e carrega a missão de descolonizar todos os espaços onde ocupar. Sacchi (2003, p. 10) expõe que:

> "Ainda que haja uma aliança política de mulheres indígenas com o movimento de mulheres/feminista em alguns países, e recentemente as indígenas do Brasil têm começado a participar destes fóruns de discussão, e mesmo que o feminismo tenha incorporado às suas definições de gênero a diversidade dos contextos em que estas se constroem, este reconhecimento não levou à formação de uma agenda feminista que desse conta das necessidades específicas das mulheres indígenas. A violência contra a mulher e o reconhecimento dos direitos reprodutivos, por exemplo, são demandas compartilhadas pelos dois movimentos, mas a experiência cotidiana vivida nas comunidades indígenas (e mesmo no espaço urbano) difere e muito da realidade das mulheres não indígenas. "

Ainda sobre a discussão da luta das mulheres, do fortalecimento entre mulheres, Ro'Otsitsina destacou, na entrevista acima citada: "Apoio alguns movimentos feministas se tiver em comum com minha luta, mas isso não me faz feminista".

Em resposta ao patriarcado trazido pelos europeus, nós guerreiras indígenas temos conseguido ir além e temos destruído isso dentro dos territórios. Para nós indígenas, as mulheres têm o seu papel, assim como os homens, e ninguém é melhor que outro, não podemos aceitar que o patriarcado destrua o nosso povo, a nossa cultura. Por isso, nos posicionamos diante da luta e mostramos que somos capazes de também lutar em defesa das nossas terras, pelos direitos dos povos indígenas, pela questão de gênero, e, principalmente, pelo direito de viver; não importa qual é lugar em que queremos estar, ou qual a bandeira levantamos dentro do movimento indígena, o mais importante é que temos, também, responsabilidades, e o compromisso de dar continuidade em uma luta iniciada pelas nossas e nossos ancestrais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto indígenas ocupando esse espaço acadêmico e esse trânsito de um pé na aldeia e outro no mundo não indígena, temos a responsabilidade de desconstruir pensamentos coloniais, e mostrar a realidade das nossas comunidades; que nós existimos e pertencemos a esse solo chamado Brasil; que neste país somos 305 etnias e 274 línguas faladas, uma das maiores sociobiodiversidade e diversidade cultural do mundo, e é inadmissível que o Estado e a sociedade brasileira não reconheçam isso.

É nítido que, após cinco séculos, o genocídio dos povos originários, esse horror, continua em curso e promovido pelo próprio Estado, por grandes grupos políticos e econômicos. Continuamos sofrendo todo tipo de violência e violações de direitos humanos, alimentando o capitalismo em detrimento dos povos indígenas. Como sempre, roubando a nossa humanidade. É por isso que nós buscamos

ferramentas de conhecimentos, para alimentar a nossa luta, em defesa das nossas vidas e dos nossos territórios.

A sociedade, os movimentos sociais e as instituições precisam descolonizar o modo como veem os povos originários. Somos uma diversidade de povos, com especificidades e anseios diferentes como qualquer outro grupo social, porém, diferenciados. Mais que diferentes do mundo fora, levamos uma vida na coletividade, onde todos são respeitados, homens, mulheres, crianças, os anciões e anciãs.

Nesse século XXI, muitas correntes estão sendo quebradas. Assim, com o afloramento do feminismo, as mulheres indígenas vêm dando o seu grito de existência, mostrando que sempre fomos Guerreiras, que queremos tomar de volta o lugar que nos foi roubado a mais de 520 anos. Seguiremos a cada dia mais fortes, sendo luta e resistência juntas e juntos aos nossos povos pelo direito de existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUAJAJARA, Sônia Bone. [entrevista concedida a]. SANTOS, [XAKRIABÁ] Juvana Evarista dos. Acampamento Terra Livre, Brasília, DF, em 26 de abril de 2019.

IBGE. Caderno Temático 2016 – População Indígena. *Atlas Nacional Digital do Brasil*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/atlas_nacional/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.

SACCHI, Ângela. Mulheres indígenas e participação política: a discussão de gênero nas organizações de mulheres indígenas. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 7, v. 14, p. 95-110, 2003.

TIKUNA, Djuena. [entrevista concedida a]. SANTOS, [XAKRIABÁ] Juvana Evarista dos. Acampamento Terra Livre, Brasília, DF, em 25 de abril de 2019.

XAKRIABÁ, Flávia. [entrevista concedida a]. SANTOS, [XAKRIABÁ] Juvana Evarista dos. Acampamento Terra Livre, Brasília, DF, em 26 abril de 2019.

XAVANTE, Ro'Otsitsina. [entrevista concedida a]. SANTOS, [XAKRIABÁ] Juvana Evarista dos. Acampamento Terra Livre, Brasília, DF, em 25 de abril de 2019.